

Fotos: Pedro Paulo Cardoso CB/DA Press



Muro de pedra foi encontrado perto da BR 020. A obra monumental será analisada pelo governo para ser considerada patrimônio cultural

História de escravidão NO MEIO DO Cerrado

Muro com quilômetros de extensão identificado em Planaltina atrai olhar de pesquisadores para o Brasil Colônia. Secretaria de Cultura inicia primeiros passos para tombamento da obra, que remete ao Brasil Colônia

» RENATO SOUZA

Em uma área de proteção ambiental a 20 quilômetros de Planaltina, na divisa com Formosa (GO), um pedaço da história do Brasil se esconde no meio do Cerrado. A vegetação densa, protegida e quase intocada, completa o cenário que remonta ao Brasil Colônia. Um muro construído com pedras secas, sem uso de cimento ou qualquer elemento moderno de alvenaria, reveste uma grande área. Ontem à tarde, a Secretaria de Cultura deu início a um processo de avaliação que pode resultar no tombamento da obra como patrimônio material e cultural do Distrito Federal. Em razão da técnica, dimensão e localização, acredita-se que o muro foi construído por pessoas escravizadas entre os séculos XVII e XVIII.

A construção tem pelo menos 8 quilômetros de extensão, somente no território de Planaltina. A expectativa é de que o trecho que adentra Goiás tenha o mesmo tamanho, totalizando algo entre 16 e 20 quilômetros. Essa foi a primeira visita dos técnicos da Secretaria de Cultura. Muitas outras ainda serão feitas, para mais registros, elaboração de relatório e datação. Os pesquisadores vão tentar identificar outros elementos, como a matéria orgânica na base do muro, para saber a idade correta da obra. Como não é possível datar pedra, pois a maioria das rochas existem desde a formação da crosta terrestre, todo o contexto é avaliado para precisar a idade de monumentos feitos deste material.

Porém, a técnica, de pedras soltas, é típica da época da escravatura e era usada para delimitar terras, interromper cursos de água ou sinalizar estradas. A estrutura foi encontrada em 2007 pelo agricultor Sandro Rosa Matos, no Assentamento Oziel Alves III, na Área de Proteção Ambiental (APA) do Pipiripau. No entanto, desde a época, era conhecido apenas por moradores locais. Agora, a existência chegou até os pesquisadores e ao poder público. O trecho já percorrido apresenta aproximadamente 1,20 metro de altura, mas com trechos que superam os dois metros.



A moradora Francisca Inês (acima com o marido Sandro Rosa): guardiões do muro



Gerson de Castro e Alessandra Dourado: preservação



Adeilton Oliveira, professor e pesquisador do IFB: obra monumental

Guardiões

No caminho que leva até o muro, na estrada do assentamento, é possível se deparar com a casa de Francisca Inês e Sandro Rosa. A residência, feita de tijolo de barro, onde a grama é utilizada como fibra para prender o material e dar firmeza à estrutura, serve como uma espécie de guarita para receber quem se desloca até a região. Morando há 20 anos na localidade, eles contam que as histórias sobre o muro são conhecidas há décadas pelos frequentadores do local. Eles são apontados como os guardiões, pois vivem no assentamento e tem como papel preservar a natureza no espaço.

"Com muito orgulho, somos protetores deste muro, guardiões. É um muro histórico, talvez centenário. Eu trabalho com agrofloresta e estou aqui há 20 anos. Sou assentada da reforma agrária e sei da existência do muro desde que vimos ele pela primeira vez, quando eu estava com a minha sogra. Ela sempre foi curiosa e ao ver as pedras, identificou que era um muro", afirma Inês. Ela apoia o tombamento do muro. "Vamos saber a história real. Quem quiser vir visitar, ver, estamos abertos. Sempre fui protetora da natureza. Vim do Nordeste e vivo a natureza. Queremos que mais pessoas sejam protetoras deste lugar", diz ela.

"Cheguei aqui na parcela da minha mãe, pois meu pai participava de assentamento. Mas dois anos após ele ser contemplado, faleceu. Eu tive que vir tomar conta da terra. Dois anos depois de chegar aqui, eu estava caminhando no Cerrado com a minha mãe, procurando lenha, mas notamos a estrutura e ela disse que era um muro construído por escravizados", diz Sandro.

O professor Adeilton Oliveira, do Câmpus Brasília do Instituto Federal de Brasília (IFB), que pesquisa a história do Cerrado, investiga a origem e a função da estrutura. Ele destaca que existem outros muros com essa característica em Goiás, mas que não se tem notícia da existência de outro do mesmo tamanho. Uma das hipóteses é que o muro tenha sido utilizado para delimitar antigas sesmarias, grandes extensões de terras concedidas pela Coroa Portuguesa nos séculos XVII e XVIII.

Adeilton conta que assim que ouviu falar da existência do monumento, decidiu ir até o local. "Já tem 10 anos que eu sei da existência de um muro de pedra nesta região. Há uns 20, 30 dias, eu vim aqui na chácara e falei que sabia que tinha um muro e queria conhecer. Para minha surpresa, o Sandro falou que a mãe dele quem descobriu isso aqui e me trouxe. Hoje, estamos trazendo a Secretaria de Cultura, mas, em breve, virá o Iphan também para tomar como patrimônio do Distrito Federal. É uma obra monumental que, pelas características, é do século 17 e 18. À época, não tinham trabalhadores livres para fazer este tipo de obra. Era comum que os escravizados utilizassem essa técnica de pedras soltas na época. São pedras pesadas", afirma.

Surpresa

Representantes da área técnica da Secretaria de Cultura estão surpresos com o tamanho da obra. "Neste momento, trata-se de uma visita técnica. Vamos levar esses dados, vamos fazer outras visitas, um estudo aprofundado. Essa primeira etapa é para ver a existência do muro e a veracidade. E ficou bem claro para a gente. Andamos dois quilômetros, para pelo que vimos, ele tem um perímetro muito maior. Estamos acostumados a ver no DF muros menores e não nesta forma. Foi uma surpresa muito grande. Amanhã (hoje) é o Dia da Consciência Negra. E saber que isso foi feito por ele. É algo grandioso poder estudar este muro", afirma Alessandra Dourado, da Subsecretaria de Patrimônio Cultural.

Gerson de Castro, servidor da Diretoria de Preservação de Patrimônio, ficou impactado com a descoberta. "É a primeira visita. Viemos ver o valor histórico e vamos fazer o relatório para o setor. Começa agora um estudo. Nunca vi um muro desta dimensão. É a primeira vez que vemos uma obra com tanta expressividade. Estou sem palavras", conclui.